



MALANJE dia-a-dia

4/3/94

Realidade viva: a presença da Igreja no Mundo. Estive hoje com um dos «médicos sem fronteiras» que, com entusiasmo, testemunhou:

— Na Europa tinha uma impressão má sobre a Igreja pelas críticas ao Papa e ao Vaticano. Hoje, não mais... Estive já em vários países assolados pela guerra e é a Igreja — Missionários e Irmãs — que eu tenho encontrado presente e activa no meio dos que sofrem — ajudando e sofrendo com eles.

Este testemunho consolou-me, como decerto consolará todos os cristãos que irão ler.

Claro que nem tudo perfeito... Só o Senhor é perfeito.

Vamos a caminho. Somos caminhantes. Há sempre mais um monte por subir... Talvez, o das moncas dos meninos, a colina dos leprosos, dos marginais e do cócô dos velhinhos.

O importante, porém, é caminharmos. O tentar subir... Chegaremos, um dia.

16/3/94

«Dou-vos uma boa notícia: o Senhor ressuscitou.» Esta notícia — a mais maravilhosa e única — encerra em si todas as mensagens de paz e de esperança.

Em cada rosto, uma ânsia... E, precisamente hoje, cada olhar nos transmite um sinal de Esperança.

Será que os veados poderão regressar às suas fontes de água límpida?

Poderemos, de novo, em noites de lua e tranquilos, olhar as estrelas?

Em todos os caminhos e cada vulto ao longe, não o medo, mas um certeza de acolhimento fraterno?!

Captadas à noite, surgiram com o sol da manhã as promessas de paz... Foi quanto bastou tremeluzisse numa estrelinha!

17/3/94

Logo que as populações regressem às aldeias que nos circundam, vamos preparar-lhes o terreno com os tractores para que, de imediato, possam plantar e semear.

Sementes na terra — alegria no coração!
Somente os frutos das suas próprias lavras darão paz a este povo.

Isto implica um parque de máquinas e alfaias e um grande custo quotidiano.

Este projecto é tão pertinente que, temos a certeza, será acolhido por uma «organização» a quem o vamos apresentar.

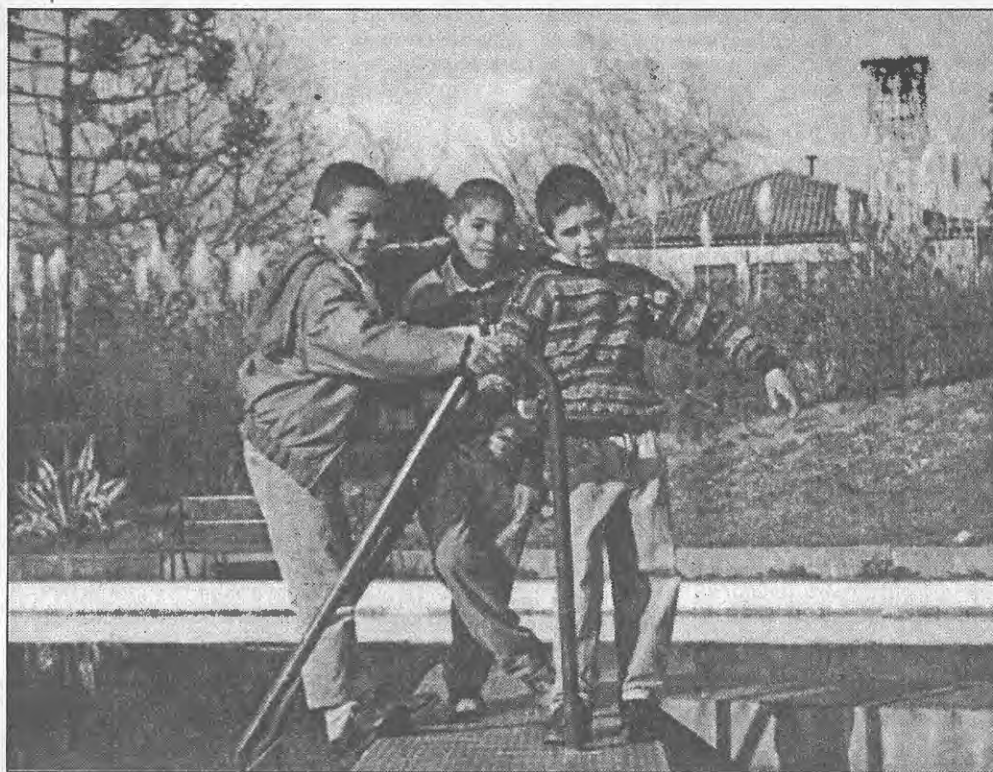
Em vez da esmola do pão, os trigais em terra fértil!

9/4/94

Depois duma forte chuvada, um silêncio envolvente sobre a cidade. Uma neblina ténue sobe do rio Malanje pela encosta semeada de cubatas de adobes e dá aos prédios altos um tom medieval. Uma tarde de encanto!

O que nos trará a noite? Nós pensamos nos assobios das bombas a caírem onde menos se esperava. E, talvez, quem sabe?, brilhem as estrelas num céu varrido.

Continua na página 3



«Bongá», Ricardinho e «Ámen»

ÁFRICA

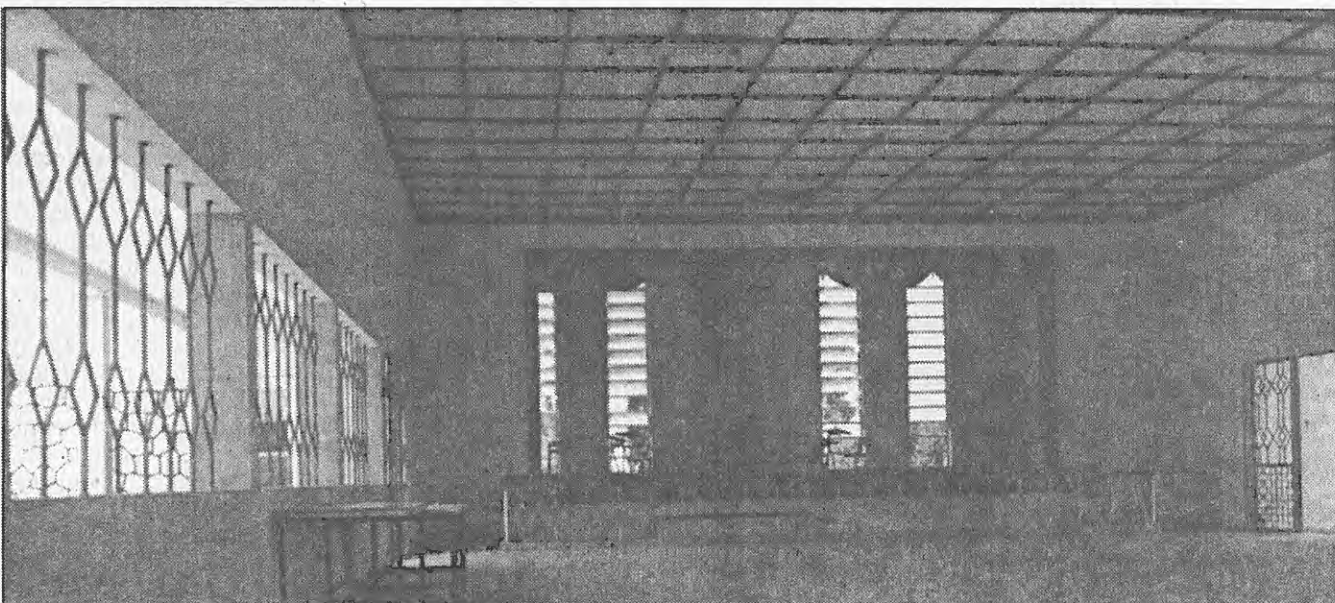
Não foi uma surpresa o parco rendimento dos projectos ditos em favor do Povo

NÃO foi propriamente uma surpresa o parco rendimento para o Povo dos projectos ditos em seu favor que se promovem. Também por cá tem havido deles que envolvem verbas grandiosas e o que se vê, ao fim e ao cabo, não tem proporção com os meios empregues. A caça grossa atrai sempre caçadores de alto gabarito e os pequenos caçam pouco ou nada.

O que me surpreendeu nesta passagem por Angola e Moçambique foi a multiplicidade de projectos quase sempre architectados de longe e por isso frequentemente pouco adequados à realidade que pretendem melhorar, que é a vida decaída das populações; porém, esta evolução não pode fazer-se sem elas. Toda a benfeitoria que não conta com a participação de quem se quer beneficiar, está, à partida, condenada ao fracasso. E mais com o homem africano que é, geralmente, sofredor e com pouco se basta. A sua tendência para a passividade é, justamente, o primeiro ponto a considerar por qualquer programa de desenvolvimento; e motivá-lo para o esforço que todo o

Continua na página 4

O salão da Casa do Gaiato de Benguela ficou imune...!



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Por terras do coração de Portugal

DESTA vez, a nossa visita foi a terras do coração de Portugal. Queimadas e desertas. Parece ter andado por ali a mão criminosa do homem a destruir a beleza, a maravilha da Criação. Dá-nos impressão que o coração de Portugal está doente.

A nossa primeira paragem foi junto de casa nova por acabar. Quando terminar, ficará muito airosa. Situada fora da estrada, em cima dum cabeço rochoso, com quintal estendido pela encosta. Ficámos admirados com aquela família que se sacrificou a construir a sua moradia.

O pai, doente há muitos anos, vai a Coimbra, três vezes na semana, fazer hemodiálise.

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

FRATERNIDADE — Estávamos ocupados com muita coisa, muita gente — no interesse comum.

Semanel aproxima-se. Pára e recua... A delicadeza dos Pobres!

Deixámos todo esse mundo, à nossa volta, e atendemo-lo imediatamente — expressando ele um sorriso nos lábios. Quão longe das horas mais tristes...

— *Sabe?, arranjámos um leito ainda melhor prà doença da minha mulher!*

— Ótimo!
— *Foi o senhor F. e eu q'ria que soubessem...*

Mais delicadeza!
Ora o leito confortável, para a doente, foi pesquisado e conseguido, com espírito cristão, por um homem público.

Quantos se acomodam nas cadeiras do Poder sem descerem concretamente, activamente, ao rés-do-chão — ao serviço dos Pobres.

Damos graças a Deus pela Fraternidade desse homem público. Que seja luz para quem se disponha a servir a Grei. Especialmente agora, pois a Gratuidade evapora-se... com os aliciantes do deus-milhão.

OBRAS — Vamos reparar o interior de mais uma casa do Património dos Pobres.

Para nós outros, que bem sabemos quanto simbolizam no espírito de Pai Américo — «o meu testamento», «a minha herança» aos Pobres — elas são um acto de Justiça aos sem-casa; o refazer de pequeninas igrejas domésticas, santuários de almas; uma oração ao nosso Deus. Mais: um permanente alerta, desde há quarenta anos, para responsáveis do Problema da Habitação em nosso País.

Há que estimá-las. Acompanhar os utentes, de irmão para irmão. Procurar que sejam um tesouro das comunidades cristãs, pelo seu valor específico e pela dignidade que as famílias mais pobres merecem, porque as mais queridas do Senhor Jesus.

Esta, que ora será reparada, tem a lápida dum ilustre vimaranense que Deus haja. Naquele tempo, como muitos outros homens bons, entregou o respectivo óbolo a Pai Américo, pondo a *juros* no Banco da Providência um *capital* que vem dando guarida a muitas famílias sem tecto. Foi já compensado, no Reino dos Justos, pela Misericórdia Divina: «*Estava sem poiso e tu abrigaste-me*»...

— *São precisos, já, cento e quarenta contos prà madeira!*, suplica o nosso tesoureiro.

Solvemos, de imediato. E tudo o mais aparecerá a seu tempo. As carências dos Pobres são uma preocupação constante do nosso Deus — tudo visto à Luz da Fé — se os homens se mexerem... Ele actua por nossas mãos, pela nossa alma, pelo nosso coração — frágeis.

Já que afloramos assuntos d'ordem material, pagámos também oitenta contos na farmácia. Mais sessenta, por um funeral. Enterrar os Pobres dignamente, é também uma obra de misericórdia.

PARTILHA — Assinante 14493, da Rua da Boavista — Porto: «*Com a amizade de sempre, envio a minha contribuição (5.000\$00) destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus referente ao mês de Maio, em curso. Que Deus vos proteja*». Invocação que muito nos sensibiliza!

Pelas CASAS DO GAIATO

Mais seis mil, do assinante 42971, de Ovar, «*para os Pobres mais necessitados e em geral dos mais envergonhados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que farão o obséquo de entregar como melhor entenderem. A importância é por uma ou mais intenções minhas que Deus e Nossa Senhora sabem*». Basta que Eles saibam!

«*Avó dos cinco netinhos*», de Setúbal, aí está, «*com todo o amor*». Traz a habitual «*contribuição (3.000\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Todos os meses o faço com muita alegria, pois sei que aplicais estas migalhas a quem muito precisa*».

O cheque mensal, da assinante 31104, de Lisboa: «*Que seja um alívio para as dificuldades dos Pobres até onde for possível. Rezem por alma dos meus entes queridos — é o que peço. Sozinha, não tenho outro lenitivo senão tentar fazer alguma coisa por eles e, ao mesmo tempo, valer a quem precisa*».

Cumpra o Mandamento Novo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

RESPONSABILIDADE — Começamos pelo Dirceu. A sua obrigação era na padaria. De manhã chegava sempre tarde para pôr o pão nas mesas. Até que um dia o nosso Padre Júlio pensou mandá-lo para a serrallaria, e pôs o «Coelho» e o Joaquim no lugar dele.

OBRAS — Tem havido muitas: no salão, andam a picar a parede da adega e, em frente, a da lavandaria. O Neca também construiu umas escadas atrás da tipografia e uns grandes corrimãos frente à casa três.

«Pepino»

BATATA — Já foi semeada. Esperamos agora que o tempo favoreça uma boa colheita.

DOENTES — Temos tido alguns. Primeiro, o Fernando Dias, depois o Vasco, e agora o Júlio Mendes. Esperamos as melhoras para todos.

O Vasco está de baixa, há cerca de três meses, e faz muita falta na sapataria.

VISITAS — Todas as semanas recebemos muita gente amiga. A nossa Casa é muito agradável e simpática.

OFERTAS — Agradecemos tudo aquilo que nos é oferecido: pão, fruta, sumos e outras coisas mais. Muito obrigado.

FÉRIAS — O nosso Álvaro, que está em Angola, costuma passar as férias em nossa Casa. Já cá esteve e regressou a África, novamente.

«Vitinho»

DESPORTO — Tivemos a visita do F. C. de Avintes, no dia 7 de Maio. Presentes: um elenco da Direcção e a equipa de iniciados.

Primeiro, a respectiva visita às instalações: residências, oficinas, etc. De seguida, foram almoçar. Também participei no almoço, como representante da Casa do Gaiato e do Grupo Desportivo. Muito bom!

As 15 horas dirigimo-nos aos balneários. E o jogo teve início às 15.45. Aliás muito confuso, porque foi a primeira vez que os nossos iniciados defrontaram uma equipa de grande calibre. Aquilo parecia sei lá o quê!... Mas, no fundo, houve um grande convívio. Fizemos grandes amigos. Só o resultado é que pesou: perdemos por 1-7. As equipas alinharam da seguinte maneira:

G. D. DA CASA DO GAIATO — Zeca; «Coelho», «Peixinho», Ivo e «Passarinho»; «Dinamite», «Tainha» e «Astronauta»; «Tulipa» e «Rolhas».

Jogaram ainda: «Pepino», Carlitos «Russo», Carlitos e Quinzinho.

Responsável: Lupricínio.

F. C. DE AVINTES — Pedro; Luís Filipe, Hélder, Nuno Ricardo e Igor; Domingos, Gringa, Sílvio e Casanova; Rúben Trigo e Nuninho.

Jogou ainda: Chico.

Treinador: Paiva.

G. D. Casa do Gaiato: gol apontado por «Tainha». Pelo F. C. de Avintes: Domingos e Xico, um cada; e Rúben Trigo, cinco.

ARBITRAGEM — Meirim, Casimiro e Jorge.

Agradecemos tudo o que nos deixaram (principalmente a confraternização), tudo quanto partilharam connosco.

Houve fotografias da praxe e entrega de galardetes a cada atleta.

No dia 8 de Maio, houve um pequeno encontro de irmãos, entre gaiatos antigos e actuais. Foi muito interessante. Realizámos uma partida de futebol, no nosso campo.

No início, os antigos gaiatos tentaram dar um ar de sua graça, só que as barrigas começaram a pesar e a «faltar» as pernas, em alguns deles. A primeira parte ficou em 1-0. Na segunda, a brincadeira foi outra: o guarda-redes dos «velhotes» viu entrar muitas bolas na sua baliza. No final, contou 10. Resultado: 10-1. Mostrámos aos irmãos mais velhos a garra que nos deixaram, de outros tempos.

Para acabar o encontro em beleza, no fundo foi para

relembrar velhos tempos e perder alguns quilos, cada jogador marcou um penalty. Ficou empatado. Tudo isto deve-se à união que há, dia-a-dia, entre «velhos» e «novos».

Nos dias 14 e 15 de Maio, defrontámos duas equipas, diferentes. Cada jogo, uma vitória.

No sábado 14, uma formação de Recarei. Praticámos um bom espectáculo de futebol. Nos primeiros minutos, sofremos o primeiro golo. O nosso técnico deu muitas ordens. Parecia não gostar da situação. Mas tudo se compôs, num belo lance: empatámos. 1-1.

Na segunda, as duas equipas entraram mais motivadas, principalmente a nossa, porque houve algumas alterações. A palavra d'ordem: marcar golos

e não sofrer nenhum. Assim aconteceu. Resultado final: 6-2. Boa vitória, fruto do trabalho realizado até aqui.

No domingo 15, defrontámos um grupo de Santa Maria da Feira. Um jogo com pouca história. Quase tudo fácil. No início, ainda tivemos dificuldades de concretizar o nosso futebol de ataque. Resultado final: 15-1. Parabéns ao nosso técnico e ao plantel.

Estamos dispostos a receber qualquer equipa. Podem contactar-nos pelo telefone (055) 752285, Fax (055) 753799 ou, por correspondência, para Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Repórter X

TOJAL

PISCINA — O nosso Padre Cristóvão ordenou a colocação de azulejos na piscina. O ano passado surgiram vários problemas, da parte dos motores e da própria água. Deus queira que tudo corra melhor para darmos uns ótimos mergulhos, no Verão que se aproxima.

JARDINS — Estão cheios de vida! De um lado, terrenos cheios de água pluviais. Do outro, flores multicores e alegres, devido à abundância de água. Os jardins preocupam o nosso Padre Cristóvão e as senhoras, pois dão beleza e vida à nossa Casa.

FUTEBOL — Apesar dos fins-de-semana ocupados com as Festas, o futebol continua a ser o desporto favorito cá em Casa. Faça sol ou chuva muitos dos nossos rapazes o praticam. Estamos à espera que alguém nos desafie...

ESCOLAS — São o bom caminho para sermos alguém na vida, para que nada nos falte, tenhamos um bom trabalho e uma família. Só temos o mês de Junho para mostrarmos todo o nosso saber, tudo o que conseguimos aprender. No final do ano lectivo saberemos o que valemos.

Joaquim Miguel Pinto

ENCONTROS em Lisboa

O trabalho paroquial nos seus variados aspectos

COM as viagens feitas em várias direcções motivadas pelas nossas Festas vamo-nos inteirando do trabalho paroquial nos seus variados aspectos. Este mês de Maio tem sido sobretudo marcado pelas primeiras Comunhões, Profissões de Fé e Crismas. Colheita de frutos em searas plantadas ao longo de vários anos por pais, catequistas e párocos. Para as crianças e jovens que vão realizando estes actos são marcos importantes recebidos em ambiente de festa e grande entusiasmo. As próprias comunidades se esforçam por que tudo corra bem. Tenho sentido também o lamento de alguns párocos e catequistas sobre a falta de colaboração dos pais em casa. É que a educação cristã não pode ser só uma questão de lições e festas, mas é nos diferentes momentos do dia-a-dia que os valores transmitidos se tornam vida e realidade. Afé só os pais ou os mais próximos da criança podem ajudar, fazendo passar a reflexão sobre as realidades, com a mesma naturalidade com que se dá de comer ou se cuida da higiene ou do arranjo do vestir. O mais difícil na formação cristã não é o aprender verdades ou o saber muita doutrina mas a aplicação concreta, no momento preciso.

Nas nossas Casas, temos bastante preocupação com a formação religiosa dos nossos rapazes e também grandes dificuldades. Na catequese ou no dia-a-dia, diante dos acontecimentos que vão surgindo, procuramos fazer luz interligando a vida e a Palavra do Mestre. Muitas vezes, nos tribunais, pergunto aos miúdos se não ouviram o que disse ou o que ouvimos de Jesus no domingo anterior. Respondem que sim. Porém, entre o ouvir e o agir, faltou a ligação necessária. São, sobretudo, os valores que dão o sentido à vida e nos ajudam a ser livres na acção, que mais dificuldades têm em ser

assumidos. As normas, as regras, os hábitos, a linguagem sempre se vão adquirindo. Falta a interiorização das razões do fazer desta ou daquela maneira.

Um facto da nossa vida

O que disse vem a propósito de um facto da nossa vida que não resisto a contar. Os protagonistas nem se aperceberam que eu dei conta. Soube-me bem, sobretudo porque um deles anda desde há muito no meu coração a ver se descubro a maneira de o ajudar a sair do seu mundo fechado por mil revoltas e que o impedem de ter uma atitude aberta face ao futuro, face às pessoas da Casa e mesmo face aos poucos familiares que lhe restam. A sua adolescência vai-se prolongando em comportamentos furtivos do confronto com os adultos e num fechar-se sobre si próprio que o impede de fazer desabrochar montanhas de generosidade que encerra o seu coração e que, por vezes, deixa transparecer.

No fim do Terço, no refeitório, já todos tinham começado a servir-se da sopa e o som das vozes se elevava, estava o Emanuel, tranquilo e sereno, a ensinar o Tiago a fazer o Sinal da Cruz. Este só tinha chegado há um mês e, embora tenha dez anos, nada sabia sobre actos religiosos. A paciência dele levou-o a repetir várias vezes a postura das mãos e a dizer as palavras correspondentes.

Creio que deveria ser assim sempre, quer em nossa Casa, quer nas famílias cristãs. Hoje lembro-me das aulas de Teologia. Nenhuma me traz o sabor e a paz de espírito como as recordações de menino em que minha mãe, paciente e paciente, me ensinava os gestos e as palavras mais simples da nossa fé.

Ao Pai do Céu lembro todas as crianças que nesta altura fazem a sua primeira Comunhão. Lembro também o Emanuel. Que o seu gesto anuncie nova vida e novas alegrias.

Padre Manuel Cristóvão

FESTAS

SETÚBAL

Os elementos naturais de que estão rodeadas todas as Casas do Gaiato e muito especialmente a nossa, conversam em nossa Festa com os rapazes, de uma forma mais instintiva que racional como é próprio das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

Não é fácil pôr este argumento em palco de forma a ser percebido por toda a gente e interpretado no meio da arte e da poesia, imprescindíveis, para deleitarem o espectador e enriquecê-lo com a mensagem resultante.

Quando os rapazes se vestem de terra e se mascaram de barro, dançando de uma forma articulada, interpretam as dificuldades de uma agricultura pouco evoluída nos meios pobres, uma agricultura de morte que deveria evoluir por etapas graduais e não por saltos como nos estão a obrigar.

A terra é um elemento fundamental à vida e à morte. A luta na terra e com a terra deveria resultar sempre em alegria e júbilo com colheitas abundantes e colocação fácil dos produtos nos mercados e... não é assim.

Há muito campo por cultivar e muita gente a morrer.

Quando os rapazes dançam no parque, no meio dos dragões do seu imaginário, rodeados de imensos atractivos, manifestam as seduções irresistíveis da droga que engole hoje tanto jovem inactivo.

É necessário abrir os olhos do coração e da inteligência para o que os rapazes explanam com tanta arte e elevação.

Padre Acílio

28 de Maio — Sociedade das Cabanas — CABANAS — Palmela;

3 de Junho — Sociedade — SARILHOS GRANDES;

4 de Junho — Cine-Teatro Municipal José da Mota — SESIMBRA;

11 de Junho — Incrível Almadense — ALMADA;

17 de Junho — Clube Recreativo Piedense — COVA DA PIEDADE;

18 de Junho — Teatro Gil Vicente — CASCAIS;

25 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA.

Um grande motivo de promoção para os nossos rapazes

SEMPRE fui e sou festeiro. Nunca me cansei das nossas Festas. Elas são um grande motivo de promoção para os nossos rapazes. Fazem tudo por ser do elenco. Decoram papéis, aprendem a cantar, dominam-se na dança, conservam silêncio, criam força de vontade.

Nesta nossa Casa, em que passei uns dias, quase todos me perguntavam: — *O senhor já viu as nossas Festas? Vá vê-las. São muito lindas.* E começam a descrevê-las. Um diz que fulano é o melhor. Outro, que é sicrano. Mais outro, que é beltrano. E é um desfiar de nomes. São todos bons. A Casa anda toda em festa.

Assisti a um ensaio. Que boa ordem, respeito e obediência. Todos em silêncio e atenção. Só se ouvia a voz do ensaiador, um rapaz como os outros.

E os nossos Amigos que assistem? Parece que, por vezes, entram em delírio. É um

nunca acabar de aplausos. É participação nos cânticos conhecidos. É o acompanhamento nos ritmos das músicas. É o entrar bem em todo o programa.

No fim, geralmente já de madrugada, é custosa a despedida. São beijos. São abraços. São sorrisos. São lágrimas. E o até breve.

Ficámos todos mais família.

Padre Horácio

LISBOA

JÁ realizámos muitas, com êxito. Os rapazes mais velhos, e alguns dos antigos, preocupam-se para que tudo corra da melhor maneira estimulando-nos a levar a nossa palavra, a nossa Festa, aos nossos Amigos.

João Miguel Pinto

29 de Maio, domingo, às 15,30 h — Salão da Igreja — RIO DE MOURO;

2 de Junho, quinta-feira, às 21,30 h — Salão dos Bombeiros — FANHÕES;

5 de Junho, domingo, às 15,30 h — Cine 359 — LOURINHÃ.

MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

Tão cansados da guerra, bastam uns dias de acalmia para logo se ouvirem nos bairros os cânticos de «Sião»!

Povo simples, paciente e bom! Antes da chuva vi-o nos passeios da rua principal carregado com os sacos de milho da distribuição da PAM — a caminho dos bairros. Já caíam pingas grossas e os passos passaram ao ritmo da pressa.

O monstro da guerra... Para quê? A morte dos Inocentes... O sofrimento de todos... Não dá para entender...

O escuro dominou a cidade. Só algumas luzes de geradores. Vi o carro do silêncio por entre a neblina densa e carregado de ansiedade.

10/4/94

A polícia trouxe um menino que encontrou na

rua. Um dos nossos rapazes adiantou-se e disse que conhecia o pai. Foi no carro ensinar-lhes a casa.

Diante de todos o menino confessou: — *Ele é o meu pai.*

Diante de todos o pai negou: — *Ele não é meu filho; a mãe morreu, não o quero.*

A polícia lavou as mãos na bacia de Pilatos e foi.

Ficou de pé o problema duma criança com pai, mas sem ninguém — diante duma autoridade que se demitiu. A lei não está. O tribunal ainda não chegou.

Constou-nos esta tarde que o menino estava, de novo, na rua. Amanhã o nosso gaiato vai ver o que se passa para nós decidirmos por todos. Amen.

11/4/94

E, assim foi. O nosso gaiato começou pela casa do pai: Que não, não o queria, ele era só «filho da mãe»...

Dali foi à feira da Choane. O menino devia andar à procura duns restos caídos ou roubados. Não estava. Nas outras feiras, também não.

A noitinha alguém informou que ele costumava dormir naquela escola sem portas. Fomos. Veio logo. Já hoje jantou e vai dormir na nossa e sua Casa.

O banco do réu continua vazio...

12/4/94

Na avalanche desta derrocada a levar na corrente tantos valores morais, sociais e espirituais, vejo, igualmente, milhares de prédios destruídos pela guerra e degradação, florestas derrubadas para lenha e carvão e, talvez milhões, os animais abatidos sem qualquer critério.

Isto a propósito das mangueiras do bairro da Vila-Matilde, quase centenárias, que, sem dó nem

DOIS grandes autocarros vieram de longe carregados de gente adulta passar um dia na Casa do Gaiato. Já assim têm feito nos outros anos.

Chegaram e dirigiram-se todos à Capela. Tinham combinado a celebração da Eucaristia. Trouxeram velas, ramos de flores, pão do altar, instrumentos de música, oferta solene para o ofertório. Todos rezaram e cantaram. Fizeram da Eucaristia o que Ela é: Comunhão.

A seguir encheram a nossa

UMA VISITA

grande e airosa sala de jantar. Farnéis em cima das mesas e pessoas sentadas em volta. Faméis bem preparados e estômagos vazios. Refeição feita e começou a festa da tarde. Cantares e música bem portugueses. Todos participaram. Os músicos deram vida e quase toda a gente dançou.

Eram horas de merenda. Foi a visita às casas e o diálogo com

os rapazes. Todos descontraídos. Muitos doces, muitas prendas.

Estava o dia a chegar ao fim. Eram horas da despedida. Junto dos autocarros deram todos as mãos e, em círculo, rodearam o nosso Padre da Casa; e cantaram, em andamento, o cântico «vou levar-te comigo».

Foi uma despedida com o coração a coroar uma visita de um dia todo familiar. Não houve nada de mero turismo.

Os prolongados acenos de mãos ficaram connosco.

Padre Horácio

qualquer interferência, foram cortadas para carvão. Doloroso!

Vi hoje os troncos, já despidos de ramos, a serem tombados — um a um...

Calhou ir ao bairro transportar a papa e o leite para setecentas crianças ao cuidado das Irmãs. São estas crianças, penso agora, que já no próximo ano deixarão de comer as mangas sabrosas.

Um dia triste!

Padre Telmo

PASSO A PASSO

Não combatamos a pobreza mas a miséria

ANDA tanta gente a combater a pobreza! Mas... a pobreza não é para ser combatida mas amada! Porque todos a combatem nos dias de hoje? Não será porque se sentem inferiorizados, indispuestos por a terem por perto ou ao alcance dos olhos?

Pobres, sempre os teremos connosco... realidade indesmentível mesmo nas sociedades da fartura! E é uma grande graça o Pobre! O Pobre que é Pobre e não aquele que faz da sua miséria um modo de exploração dos outros. E quantos destes pobres há! Até muitos que podendo não ser miseráveis são pobres destes porque nada lhes chega. Querem isto e aquilo... querem ter e do modo mais fácil.

Como é lindo o rosto do Pobre! Diz-me que Deus existe, fazendo vibrar o meu coração.

O Senhor amou a pobreza, Francisco de Assis dizia-se a sua Dama, na sua sensibilidade delicada, Pai Américo dizia ser a sua maior riqueza... e nós a quereremos destruí-la!

Eliminar a miséria, sim! A dos miseráveis de facto e a daqueles que o são por lhes faltar acima de tudo, dignidade! Não combatamos a pobreza mas a miséria. E há tantas espécies de miséria que os nossos contemporâneos assumiram! A maior está na qualidade dos homens de hoje. Todos lutam por qualidade de vida quando deviam lutar por qualidade de ser!

O homem desceu tão baixo! Não põe o seu valor naquilo que é, na altitude a que devia elevar as suas qualidades humanas, aquilo que lhe é específico, mas antes vende a sua vida por se abaixar o mais que pode, imitando mesmo a irracionalidade animal.

...E o amor não se compra nem se vende, nem resulta de subsídios ou dádivas, mas antes se comunica no acto de comunhão entre dois iguais. Aqui o sinal do cristão e o reconhecimento do seu discípulo de Cristo.

Importante destruir o lado feio da vida — todas as espécies de miséria. Mas amar a pobreza, porque simplicidade, comunhão, fraternidade, Paz, porque companheira e caminho para o homem.

Padre Júlio

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Os quatro filhos são estudantes com bom aproveitamento. A mãe é a única a trabalhar, agora no hospital da terra. Eis o quadro duma família heróica a quem deixámos uma palavra de esperança num cheque entregue ao pároco.

Mais uma corrida até à habitação paroquial doutra terra. O pároco estava à mesa e logo puseram mais dois lugares. Depois do ligeiro almoço, tivemos, como complemento, a situação de família aflita. Mãe solteira, já com três filhos, acabou por casar com o homem com quem já vivia e agora tem mais dois. Já estão todos perfilhados e baptizados. Construíram uma casinha, que deixaram por acabar, e falta-lhes a casa de banho. O pároco tomou a seu cuidado

esta carência que o atormentava.

Mais uma corrida até ao centro doutro concelho, com paróquia extensa. O pároco, bom pastor, estava à nossa espera com muitas aflições. Juntos, fomos ver. A tarde toda!

Primeira paragem, à entrada duma aldeia muito cristã. Casa nova, por acabar, com anexo que foi muitos anos a sua habitação. Casal novo com três filhos pequeninos. Ele trabalha no pinhal. Ela, enquanto pôde, trabalhou, uns meses, em França. Todo aquele povo os ajudou a construir a moradia. Nós prometemos ajudar a acabá-la. Ficámos encantados com o asseio de tudo e com o quintal que a rodeia que mais parece um jardim.

Outra vez na carrinha. Parámos noutra povoação. Ele trabalha numa fábrica e ela cuida dos quatro filhos,

dois dos quais já andam na escola. Construíram uma habitação só com duas divisões. Querem mais dois quartos e casa de banho. Deixámos a nossa ajuda e despedimo-nos com a alegria deles.

Mais estrada, até outra povoação. Outra velha habitação, de viúva com três filhos menores. Era dos pais e nunca foi reparada. O telhado, muito velho, está a abagar e com muitas roturas. Paredes rachadas e desunidas. A caiação foi-se, há muito. Tectos e soalhos muito rotos.

Animámos aquela mãe para que lançasse mãos à obra. Ficou mais sossegada do medo que a atormentava: que a casa se desmoronasse.

Despedimo-nos, confiantes; e, duas horas depois, estávamos em nossa Casa.

Padre Horácio

BENQUUELA

Educar é sobretudo uma acção de amor

A técnica ajuda, como instrumento que é. Só o amor convence e provoca uma resposta de adesão do educando. Quando a criança descobre que é amada, ela mesma colabora e, a pouco e pouco, toma em suas mãos a parte que lhe toca na construção da sua história que, no caso do garoto da rua, é uma história nova.

É a experiência de todos os dias, no contacto com este tipo de crianças, que no-lo atesta. Chegam sem nada, ou melhor, com muitas coisas que aprenderam na rua, no abandono a que foram votadas, entregues a si mesmas, desconhecendo o caminho que as há-de levar a ser pessoas normais. A maior riqueza perdida para a nação.

Só o amor é capaz de as abrir para o seu mundo, descobrindo nele o tesouro de que são portadoras. É, pois, apaixonante este serviço de educar.

A criança que chega a nossa Casa nestas condições, começa por dar um passo de herói. Vem dum mundo em que ela é senhora e entra noutro em que já não pode ditar as leis, onde há ordem, com horas e ocupações marcadas e, o que é muito importante, a porta que dá para o

mundo que deixou fica aberta. Sim, começa aqui o primeiro passo dum herói: tem que decidir entre o ficar e o ir-se. É uma decisão que está nas suas mãos. Decisão tomada em liberdade. Um mundo que deixou e a chama, porque foi marcada por ele, tanto mais quantos mais anos nele viveu, com a porta aberta, e um mundo novo que lhe é oferecido. Começa, sim, aqui, o primeiro passo para a construção duma história nova de que ela é protagonista.

Chegou, há tempos, um pequeno que ficou sem a família — lá onde a guerra destrói tudo. Enquanto viveu no seu meio, bebeu com o leite materno e o olhar do pai, num ambiente saudável como é o das aldeias rurais, os princípios dum caminho honrado. Veio a guerra e com ela a desgraça. Ficou sem nada e sem ninguém. O que tinha recebido em pequenino não aguentou o choque da cidade, mas a semente ficou. Vamos, agora, cuidar dela e fazê-la rebentar de novo.

O ambiente social, em que estas crianças são lançadas, é caracterizado pela falta de valores humanos, como a honestidade, a justiça e o amor. A grande multidão de crianças, privadas da família normal, crescem ao sabor do que vêem e ouvem. Como o meio comum de subsistência duma grande parte da população é a «candonga», estes filhos da rua entram no mesmo caminho, desde pequenos. Daí a facilidade de arranjar dinheiro, com que vão matando a fome e adquirindo pequenos vícios que vão crescendo à medida deles, sem grande esforço. Arrastados por hábitos fora da lei natural, sentirão tremendas dificuldades em se reabilitarem quando aparecer o lugar que os quer ajudar. No meio de tudo isto são sempre mais vítimas do que réus. Têm que ser heróis para darem o salto da sua recuperação.

Estes elementos são de ter sempre em conta para que o trabalho da sua educação realize o que se propõe. É que as forças contrárias pesam muito na vida destas crianças. Habitadas a gerirem a sua vida, sentem necessidade de apoio, sem nunca ficarem impedidas de se manifestarem. A falta de meios humanos, não-de ir encontrando no ambiente novo, feito de árvores, jardins, casas com janelas rasgadas por onde entram o sol e a luz, escola com o material escolar indispensável, centros de ocupação sadia como o trabalho, a resposta segura para o vazio agressivo que se instalou dentro de si mesmas, ao longo dos anos de abandono a que foram votadas.

São necessárias vocações totalmente dedicadas a este trabalho que absorve todas as energias de quem quer entregar-se a estes filhos. Por isso, quando se fala em instituições adequadas a este tipo de crianças, há que

pensar, antes de mais, nas pessoas que as vão orientar. Pessoas a tempo inteiro, como os pais o devem ser para os seus próprios filhos. Aqui, depois de um período em que se falou muito das crianças da rua e do anúncio nos meios de comunicação social de projectos para lhes acudir, fez-se, agora, o silêncio. Será que foram dados os passos anunciados? Desconhecemos.

Iniciativas deste género não podem brotar dum entusiasmo passageiro, alimentado, quem sabe?, por interesses de momento, mas não-de sair da experiência vivida interiormente, que queima os corações de tal modo que não se pode resistir. Há que comunicá-la, dando a vida. Só assim é que obras de educação para este género de crianças conseguem vingar e dar frutos.

O pequeno de que vinha a falar, posto diante da tentação do dinheiro, não resistiu, pegou e fugiu. Fui atrás dele e regressou como um cordeiro. Julgado em nosso tribunal de família, de olhos postos nos meus, disse que não voltaria a fazer. Esta a sentença que ele mesmo deu: Não voltar a fazer. Foi mais um passo de herói, assim creio. Afinal, ele é mais vítima do que réu. Quem devia sentar-se no banco dos réus era a sociedade que lhe abriu as portas para cometer este pequeno crime.

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

Dia Mundial da Criança

QUANDO se avizinha mais um Dia Mundial da Criança, não podemos deixar de nos congratular por mais esta ocasião que, socialmente, nos é oferecida, como motivo de reflexão e, queira Deus, de mais acção em favor da resolução dos problemas da criança, mormente daquela a quem nos devotamos e da qual nos ocupamos: a abandonada.

«O melhor do mundo são as crianças», diz o poeta. Que seria do mundo; de uma sociedade sem crianças; de uma família sem filhos... E, elas vão escasseando um pouco por todo o lado como fruto em vinha devastada. Mau sinal. É nas aldeias, onde, noutros tempos, chilreavam como pássaros; a mesma constatação em quase todos os grupos humanos. Esta ausência faz-me recordar o entusiasmo com

que um casal amigo me mostrava, por fotos, as belezas de certo país nórdico. Tudo tão lindo: jardins maravilhosos, riachos deslumbrantes, casas emolduradas por pequenas florestas: — *E lá dentro?*, pergunto inquieto. — Idosos e reformados; muito conforto e até uma pequena 'suite' para o animalzinho de estimação.

Onde não houver crianças não há vida, nem o futuro sorri. Elas são a esperança. Os avós têm tanta necessidade delas, como elas dos avós. Como se processará a transmissão de certos valores culturais sem este encontro construtivo de gerações? Hoje há a tentação de afastar as crianças dos velhinhos. Noutros tempos, que não vão longe, não era assim. O colo dos mais velhos era um verdadeiro livro feito de saber e experiência. Quanta magia contida

num desfiar de histórias de princesas encantadas por entre o rapé perfumado... Este encontro construtivo de gerações é um enriquecimento fundamental. Quanta riqueza a comunicar reciprocamente e quanto carinho desperdiçado ou trocado pelos botões dos satélites.

Que as fontes da vida se não estorvem... Nem a elas se sobreponham outros critérios economicistas ou pior, hedonistas. É certo que uma criança ao nascer e crescer tem o direito de ser amada. Mas como... se não houver casa digna, nem emprego ou salário justo? Se não houver família? Os problemas são grandes neste e noutros sectores. Urge encará-los de verdade, senão corremos o risco de uma sociedade envelhecida — sem vida, pobre.

As nossas Casas, cheias de crianças, como nunca, são verdadeiros jardins! A maior parte filhos dos pobres mais pobres; afinal, os únicos que os vão tendo com abundância e sem plano, nem discussão... A alegria está sempre presente nos seus olhinhos vivos e no rosto de cada rapaz a crescer um sinal de esperança. Quantas vezes esta constatação, um lenitivo para prosseguirmos.

As razões do poeta são sem dúvida também as nossas: «O melhor do mundo são as crianças!» Que mais um Dia Mundial prepare um melhor lugar às que já chegaram e às que hão-de vir. Que integrado neste Ano Internacional da Família se tornem os verdadeiros jardins desta beleza que renova a sociedade e o mundo: as crianças.

As nossas Casas, cheias de crianças, como nunca, são verdadeiros jardins!



ÁFRICA

Continuação da página 1

progresso exige, a estratégia inicial a descobrir. Isto não se consegue só com dinheiro, mas com acompanhamento. A prestação de meios sem a comunhão dos que os prestam é um processo abortivo: morre antes de nascer.

Ora desde as expedições ingénuas de quem vai por um mês ou dois para lançar um projecto, até aos tais grandiosos que implicam estruturas maciças e administrações pesadas que só com mercenários podem funcionar (já que de *pelicanos* nunca o mundo abundou!) — eis a inflação.

A uns falta continuidade de presença e de convivência, mediante a qual se aprende com os carentes a forma de os ajudar. A outros sobra o saber e a eficiência técnica que, naturalmente, se pagam bem e consomem a *parte de leão* dos financiamentos. Porque é grande a necessidade daqueles Povos é que não é possível supri-la grandiosamente.

Se a confiança dos que proporcionam meios fosse a regra de os proporcionarem, com valores imensamente mais pequenos se produziam frutos imensamente maiores. Porque a confiança não reina, com o fundamento real de haver poucos que a mereçam ao nível da gente a ajudar, se justifica a macrocefalia na execução dos projectos e os custos enormes da fiscalização.

Faltam homens e mulheres que mergulhem no seio daqueles Povos e, pelo seu dinamismo, pela comunhão com eles, os atraiam à edificação do seu próprio progresso. E pelas provas dadas, ganhem a confiança e se tornem antenas de captação de auxílios que possibilitem o arranque dos projectos e superem as dificuldades inacessíveis ao longo da execução. Nem seriam precisas quantias tamanhas como as que se estão gastando! E os frutos seriam com certeza, mais abundantes e, sobretudo, mais saborosos para aqueles a quem se destinam.

Sim, falta a confiança que permitiria a linearidade de esforços que, de outra sorte, saem enredados. Falta a honestidade e a dedicação ao homem por aquilo que ele é e vale. Sobram ambições e oportunismos — interesses segundos que tantas vezes se sobrepoem ao bem-objectivo que titula o empreendimento. Falta verdade. E avassala o mundo um mal mais terrível do que a sida e talvez mais universal que ela: a corrupção. Quem lhe procura o remédio?!

Não é uma visão pessimista que me dita estas palavras. Eu vim com muita esperança e vim mais português e mais irmão daqueles Povos que, mais do que a nossa língua, entendem a nossa linguagem; e nós, mais que ninguém, a deles.

É um desejo veemente, um sonho, um desafio: — Onde é que há gente de coração ao Alto, capaz de amar-te, África, e de contagiar de amor a tua gente?!

Padre Carlos



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Panófil
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50076898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito legal 1239